

ENTRE EMOÇÕES, LINGUAGEM E INCLUSÃO: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA EJA BILÍNGUE PARA SURDOS.

Beatriz Xavier Alves de Souza¹
Milena Karolinny Alves da Silva Souza²
Valdiceia Tavares dos Santos³
Alliny de Matos Ferraz Andrade⁴

RESUMO

Este artigo discute a relevância de abordar temas como sentimentos e emoções na Educação de Jovens e Adultos (EJA) bilíngue destinada a estudantes surdos. A pesquisa, desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), ocorreu em uma turma de EJA bilíngue de uma escola pública do Distrito Federal, em um ambiente que valoriza a escuta, o acolhimento e a expressão emocional. De natureza qualitativa e exploratória, a investigação foi conduzida por meio de observação participante e intervenções pedagógicas. As oficinas realizadas mobilizaram recursos visuais, sensoriais e linguísticos, possibilitando o reconhecimento, a nomeação de sentimentos e o fortalecimento do sentimento de pertencimento dos estudantes. Os resultados indicam que práticas educativas que integram a dimensão emocional e comunicacional favorecem o desenvolvimento da linguagem e a ampliação do repertório linguístico dos alunos. Conclui-se que este trabalho contribui para a formação de profissionais da educação inclusiva ao evidenciar a importância de respeitar as emoções dos estudantes e de adotar abordagens pedagógicas que valorizem suas experiências vividas.

Palavras-chave: EJA, Emoções, Sentimentos, Educação de Surdos.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho foi desenvolvido em uma turma de EJA, trata-se de uma classe bilíngue, exclusiva para surdos. A EJA bilíngue para surdos é uma modalidade de ensino com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua e o português escrito como segunda língua (Lei nº 14.191/2021). O objetivo da EJA (Educação de Jovens e Adultos) é garantir o direito à educação básica de jovens, adultos e idosos. São oportunidades para aqueles que nunca estudaram ou não concluíram o ensino fundamental, ou médio. A Educação bilíngue garante

¹ Beatriz Xavier Alves de Souza, Pibidiana e Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Distrito Federal - UDF, beatriz.xavier0311@gmail.com;

² Milena Karolinny Alves da Silva Souza, Pibidiana e Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Distrito Federal - UDF, milenakarolinny12@gmail.com;

³ Valdiceia Tavares dos Santos: mestre em educação, UnB - DF, tavaresvaldiceia40@gmail.com.

⁴ Alliny de Matos Ferraz Andrade, doutora em Linguística pela UnB, allinyandrade@gmail.com.

os direitos constitucionais e infraconstitucionais conquistados, os surdos devem ser vinculados a uma educação linguística/cultural, não como uma educação especial marcada pela definição da surdez. As Escolas Bilíngues de Surdos são diferenciadas, visam a promoção da identidade linguística da comunidade surda, favorecendo o desenvolvimento social. Envolvem a criação de ambientes linguísticos para a aquisição da Libras como primeira língua.

O processo educativo vai muito além da transmissão de conteúdos, porém, mesmo sendo algo muito presente na sala de aula, falar de sentimentos não é algo valorizado. O desenvolvimento humano passa pela afetividade, e isso vale também para a Educação de jovens e adultos. Com os alunos surdos adultos, isso se torna muito mais intenso, pois os alunos carregam vivências fortes, e a ausência do uso de libras em muitos espaços, ou seja, muitas vezes eles não conseguem nem expressar o que sentem por falta de acesso linguístico.

Essa oficina surgiu de uma vontade de criar um espaço onde os alunos surdos da EJA pudessem falar e entender o que sentem, em uma perspectiva humanizada de considerar a constituição humana de cada indivíduo. Na maioria das vezes, a escola foca apenas no conteúdo, tarefas, provas... mas pensamos: "e no que as pessoas sentem? Como elas chegam na sala de aula depois de um dia difícil? Como elas reagem a isso?".

Movidos a autores como Vygotsky e Wallon que defendem a importância das emoções no desenvolvimento humano, a proposta dessa oficina foi simples e direta, criar um ambiente de escuta e acolhimento, para que os alunos pudessem se expressar e reconhecer suas emoções através de atividades lúdicas, acessíveis e visuais com base em libras e na língua portuguesa. A proposta está alinhada com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), que prevê a importância do desenvolvimento de competências e habilidades na dimensão socioemocionais para uma formação integral do estudante.

Outro autor que impulsionou a criação da oficina foi Paulo Freire que reconhecia a emocionalidade como componente essencial no processo educativo e de transformação social. Para o autor, a afetividade, o diálogo e a amorosidade são fundamentais para o ato político que é a educação, que visa a libertação e emancipação dos indivíduos.

As oficinas desenvolvidas tiveram duração de quatro semanas, ocorrendo de forma contínua com a turma de alunos surdos adultos da EJA do 1º segmento. No momento da

produção deste trabalho, as atividades ainda não haviam sido oficialmente encerradas, permanecendo em andamento. Havia, inclusive, a previsão de novas ações a serem planejadas e discutidas em conjunto com a professora regente e os bolsistas do PIBID, considerando as demandas e interesses demonstrados pelo grupo ao longo do processo.

Utilizamos bolinhas sensoriais para identificar emoções, caça palavras, vídeos de expressões faciais, vídeo em libras e dinâmicas em grupos. Ao longo das atividades foi possível observar uma diferença. O vocabulário emocional cresceu, o autoconhecimento foi desenvolvido, eles começaram a nomear sentimentos, se identificar e até compartilhar situações que acontecem no dia a dia e como se sentem a partir daquilo. Com isso, eles se sentiram parte daquilo.

METODOLOGIA

Antônio Carlos Gil em “*Como Elaborar Projetos de Pesquisa*”, trata a metodologia como uma parte fundamental da estrutura de um projeto de pesquisa, pois é por meio dela que o pesquisador define como pretende alcançar os objetivos propostos, justificando as estratégias adotadas e garantindo a validade dos resultados. Ele também destaca que a metodologia deve ser clara, direta e detalhada o suficiente para que outra pessoa possa entender e até mesmo reproduzir o estudo. Além disso, ela precisa estar alinhada ao problema de pesquisa e aos objetivos definidos, trazendo rigor científico e coerência ao trabalho.

“A metodologia deve conter a identificação do tipo de pesquisa, os procedimentos técnicos que serão utilizados, a população e a amostra, os instrumentos de coleta de dados e os procedimentos de análise” (GIL, 2002, p. 162).

Neste sentido, esse artigo trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória. A abordagem qualitativa, é um método de investigação que tem como principal característica a análise de poucos casos de maneira bastante aprofundada, considerando os significados, percepções, sentimentos, relações e práticas sociais envolvidas. Ela valoriza o contexto e a subjetividade, sendo especialmente indicada quando o objetivo é investigar aspectos humanos, como emoções, comportamentos e interações.



De acordo com Minayo (2001), a pesquisa qualitativa se preocupa com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças e dos valores, o que é essencial quando se busca compreender o impacto emocional e pedagógico das práticas adotadas.

Além disso, trata-se de uma pesquisa exploratória, pois teve como objetivo principal conhecer e analisar um fenômeno ainda pouco estudado no contexto da educação bilíngue para surdos adultos, buscando levantar informações iniciais e apontar caminhos para investigações futuras.

Os instrumentos utilizados foram: a observação direta das aulas e o diálogo constante entre os bolsistas do PIBID e a professora regente, possibilitando registrar as reações dos estudantes, suas falas, expressões e envolvimento nas atividades propostas. Todos os alunos envolvidos assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando sua participação na pesquisa e a utilização de suas imagens e produções no trabalho.

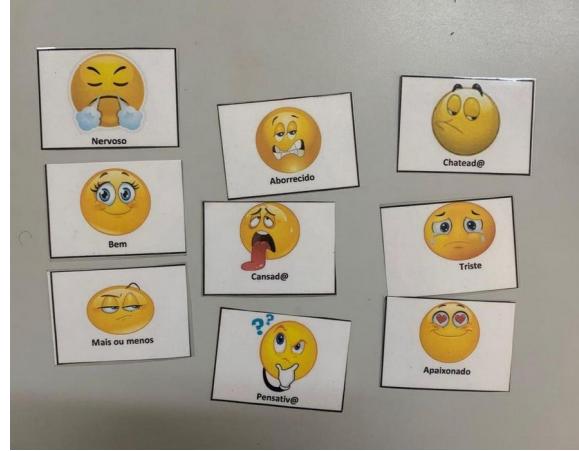
Durante nossa experiência na EJA bilíngue para surdos, o caminho seguido foi bem prático e afetivo. As ações foram desenvolvidas em parceria com a professora regente, respeitando o tempo e a linguagem de cada estudante, sempre considerando os interesses e a realidade da turma. As atividades realizadas em sala de aula tinham como objetivo ajudar os alunos a expressarem suas emoções e sentimentos, algo que nem sempre é trabalhado com esse público de forma direta.

As atividades realizadas iniciaram pela apresentação das "bolinhas da emoção". Cada aluno escolhia uma bolinha e dizia qual emoção achava que ela representava. Essa dinâmica ia além do reconhecimento emocional: ela também despertava sentidos, como o tato, e promovia conversas importantes dentro da turma.

Em sequência, fichas ilustrativas por diferentes expressões faciais foram apresentadas. Cada aluno deveria escolher uma ou mais fichas para expressar o que sentiam naquele momento.

Fotografia 1 - Fichas ilustrativas





A partir dessa atividade, montamos um mural das emoções em sala de aula junto com a turma. Todos os dias, ao chegar, os estudantes olhavam o mural e indicavam como estavam se sentindo naquele momento. Isso virou uma rotina que ajudava tanto a turma quanto o professor a acolher cada aluno.

Fotografia 2 - Mural de emoções



Além disso, a professora começou a usar um vocabulário emocional em Libras durante as atividades e interações em sala. Como parte do nosso trabalho, nós pibidianos





elaboramos materiais adaptados: um caça palavras com o tema emoções e uma atividade sobre autocuidado.

Fotografia 3 - Caca emocões



Uma das atividades mais significativas desenvolvidas com a turma foi sobre emoções e autocuidado. As emoções são reações humanas em resposta a uma determinada situação, obtendo diferentes tipos, em ocorrência a situação que a pessoa está presente. Elas podem tanto ajudar, quanto atrapalhar, pois possuem uma grande influência na maioria dos aspectos do dia a dia, como por exemplo, na tomada de decisões.

Pensamos em algo do dia a dia que pudesse gerar identificação e mexer com a autoestima dos alunos. A professora começou com uma conversa em libras, usando o mural de emoções como auxílio. Perguntamos: "Como você se sente hoje?", "O que você faz quando está triste?". As respostas foram aparecendo com gestos e expressões faciais, com isso, a professora foi auxiliando para cada um falar o que sentia.

Depois, começamos o momento de autocuidado. As estudantes da turma, pintaram as unhas e fizeram maquiagem, já os alunos, usaram máscaras faciais e lixaram as unhas. Tudo foi feito com muito carinho e respeito, com os materiais que levamos e organizamos na própria sala.

Fotografia 4 - Meninas pintando as unhas





Fotografia 5 - Meninos com máscaras faciais



Na sequência voltamos aos emoji. Pedimos que mostrassem como estavam antes da atividade e como estavam depois. Foi nítido o quanto o humor tinha mudado. Para encerrar, criamos juntos um texto coletivo com base na experiência. Fomos colocando no quadro frases simples, construídas com a ajuda deles. Esse momento foi mais que uma dinâmica, foi um momento de perceber que muitos alunos não tinham vivido uma experiência parecida, e o brilho no olhar de cada um foi o que realmente confirmou que estávamos no caminho certo.

Fotografia 5 - Finalização da atividade





REFERENCIAL TEÓRICO

As emoções não são mais compreendidas como uma reação única, mas como um processo que envolve múltiplas variáveis. Nesse sentido, emoção poderia ser definida como

uma condição complexa e momentânea que surge em experiências de caráter afetivo, provocando alterações em várias áreas do funcionamento psicológico e fisiológico, preparando o indivíduo para a ação (Atkinson, Atkinson, Smith, Bem, & Nolen-Hoeksema, 2002; Davis & Lang, 2003; Frijda, 2008; Gazzaniga & Heatherton, 2005; Levenson, 1999).

A partir dos estudos teóricos de António Damásio e da teoria semiótica de Charles Sanders Peirce, propõe-se que emoções e sentimentos são elementos constitutivos do pensamento e, portanto, fundamentais para o processo educativo.

Damásio argumenta que:

Se uma emoção é um conjunto das alterações no estado do corpo associadas a certas imagens mentais que ativaram um sistema cerebral específico, a essência do sentir de uma emoção é a experiência destas alterações em justaposição com as imagens mentais que iniciaram o ciclo (DAMÁSIO, 1995, p. 161).

Portanto, para Damásio as emoções são produzidas no corpo, processadas e sentidas na mente por meio do que ele chama de "espelho do corpo" e a partir daí fazem parte do intrincado processo de relações neurais que caracterizam a razão. (DAMÁSIO, 1995, p. 161)

Nesse sentido, a aprendizagem deve ser compreendida como um fenômeno afetivo-cognitivo, cuja qualidade está diretamente relacionada às experiências emocionais vividas

pelos sujeitos. Conforme o próprio autor afirma, “as emoções são indispensáveis para a nossa vida racional” (DAMÁSIO, 1995, p. 12).

A publicação da PUC-Rio destaca que a educação dos surdos no Brasil historicamente ocorreu em contextos ouvintistas e excludentes. A autora afirma que: A grande maioria desta população se vê como um “ouvinte com defeito”, não vislumbra a possibilidade de ser apenas um ser diferente e não deficiente. [...] Por conta deste ambiente conceitual equivocado na escola e na família, são geradas emoções e sentimentos negativos que distanciavam o aprendizado do prazer. (PUC-RIO, 2008, p. 65)

Assim, os sentimentos de inferioridade e não pertencimento acabam por impactar negativamente a relação dos surdos com o conhecimento e seu desejo de aprender.

No ensaio “Teoria das Emoções”, publicado postumamente em coletâneas como “The Vygotsky Reader” (1994), Vygotsky aprofunda sua crítica às teorias biológicas e mecanicistas das emoções, como as de James-Lange, que associam o sentimento diretamente a reações fisiológicas.

Para Vygotsky, as emoções não podem ser explicadas “apenas como reações corporais automáticas”, pois são estruturadas pela consciência, pela linguagem e pela cultura. Ele afirma que: “A emoção não é uma descarga somática, mas uma vivência estruturada que tem conteúdo e significado psicológico.” (VYGOTSKY, 1994, p. 214).

Essa visão o aproxima de uma abordagem histórico-cultural da emoção: os sentimentos se desenvolvem “na relação com o outro”, com os signos e com o meio. Emoções são, portanto, “historicamente construídas” e socialmente determinadas. Sendo assim: “A emoção é uma forma de consciência, uma atitude do sujeito frente ao mundo.” (VYGOTSKY, 1994, p. 216).

A partir dessa perspectiva, Vygotsky antecipa ideias que hoje são debatidas na neuropsicologia contemporânea, como a indissociabilidade entre emoção e cognição. Ele propõe uma “unidade funcional entre o afeto e o pensamento”, ideia que aparece também em outros textos de sua maturidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A introdução das bolinhas das emoções e das fichas com expressões faciais foi um ponto de partida essencial para que os alunos começassem a reconhecer e nomear o que

sentiam. No início, muitos tinham dificuldade para sinalizar emoções específicas. Mas, conforme as atividades foram acontecendo, o vocabulário emocional, tanto em Libras quanto em português cresceu bastante. Eles passaram a identificar e nomear sentimentos como “alegria”, “tristeza”, “raiva” e “medo”, e também outras emoções como “apaixonado”, “ansioso” e “cansado”, usando os sinais e as palavras com mais segurança. Esse resultado reforça a visão de Vygotsky, em que ele defende que pensamento e afetividade formam uma unidade, indicando que motivação, emoção e afeto são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo.

O mural das emoções foi nosso aliado durante toda a oficina. Além de ajudar na fixação do vocabulário, ele criou um espaço de escuta e acolhimento, onde cada aluno podia mostrar como estava se sentindo. A teoria histórico-cultural afirma que o desenvolvimento humano se dá por meio das relações sociais e da cultura. Atividades que partem da vivência concreta e do contexto real dos alunos. Isso facilitava tanto o cuidado da professora quanto a empatia dos colegas.

Com o tempo, os alunos começaram a se ver nas emoções que estavam aprendendo. Passaram a contar histórias do dia a dia que provocavam esses sentimentos. Coisas que antes ficavam guardadas ou nem eram faladas, começaram a surgir. Um aluno, por exemplo, disse que se sentia triste e chateado quando tentava se comunicar fora da escola e não era compreendido. Já outro contou que se sentia feliz quando conseguia participar de uma atividade em Libras. Foi incrível ver eles ligando os sentimentos com situações reais da vida.

A mudança de humor antes e depois da atividade foi nítida, como feedback eles falaram que estavam felizes, calmos e até mais confiantes. Segundo Damásio (2000), as emoções não são opostas à razão, mas constituem a base do pensamento racional e da tomada de decisões. O brilho no olhar deles, principalmente de quem nunca tinha vivido algo assim, mostrou que a experiência fez mesmo a diferença na autoestima e no bem-estar da turma.

Durante todas as etapas, a participação dos alunos foi intensa. Desde a escolha das bolinhas sensoriais até o momento em que escreveram juntos o texto coletivo, o envolvimento só foi aumentando. Eles criaram frases simples baseadas no que viveram nas oficinas, e isso ajudou a fortalecer o sentimento de pertencimento e de que estavam sendo ouvidos. Para um

grupo que muitas vezes enfrenta barreiras de comunicação e inclusão, isso foi muito significativo.

No fim das contas, os resultados da oficina confirmam tudo o que já dizem os estudos: trabalhar as emoções na educação é fundamental para o desenvolvimento das pessoas, e isso ficou muito claro na prática com nossos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi compreender como as emoções e sentimentos da Educação de Jovens e Adultos bilíngue no contexto escolar, são fundamentais no desenvolvimento e processo de aprendizagem.

Portanto, a partir da observação de práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula. Os alunos demonstraram envolvimento nas atividades em que puderam expressar seus sentimentos por meio das dinâmicas aplicadas.

Essa análise contribui para o campo educacional ao reforçar a importância do acolhimento emocional no ambiente escolar. Também destaca a relevância de práticas

pedagógicas que considerem a singularidade emocional e comunicacional dos alunos surdos, ampliando a compreensão de inclusão como uma dimensão também afetiva.

Por fim, compreender e valorizar as emoções no processo educativo não é apenas um gesto de cuidado, mas uma ação que promove o direito à aprendizagem plena e ao desenvolvimento humano integral, princípios que devem nortear a educação inclusiva e transformadora.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Joelma Remigio de. **A inclusão de alunos surdos na EJA e a formação dos professores: desafios e perspectivas.** 2006. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

BALDISSERA, Olivia. **Qual a diferença entre emoção e sentimento?** A Psicologia responde. PUCPR Digital, 29 dez. 2022. Disponível em: <https://posdigital.pucpr.br/blog/diferenca-entre-emocao-sentimento>. Acesso em: 27 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.



DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. Tradução de Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo: Companhia das Letras. 1. Ed. econômica, 2012.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Curriculo em movimento da educação básica: educação de jovens e adultos**. Brasília: SEDF, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 64^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MACHADO, Letícia Vier; FACCI, Marilda Gonçalves Dias; BARROCO, Sonia Mari Shima. Teoria das emoções em Vygotsky. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 4, p. 647-657, out./dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/cvL9hMXKctvZpzF3nLFdyYw/>. Acesso em: 27 jul. 2025.

MELLO, Suely Amaral. Ensinar e aprender a linguagem escrita na perspectiva histórico-cultural. **Revista Psicologia Política**, São Paulo , v. 10, n. 20, p. 329-343, dez. 2010 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X201000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 27 jul. 2025.

MIGUEL, Fabiano Koich. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 20, n. 1, p. 153-162, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200114>. Acesso em: 27 jul. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, mar. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>. Acesso em 28 jul. 2025.

OLIVEIRA, Marta Kohl de; et al. **Piaget, Vigotski, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

PUC-RIO. **Emoção e sentimento no processo de significação dos estudos pelos surdos**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL. **Educação de Jovens e Adultos** (EJA-2). Página da Secretaria de Estado de Educação do DF. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/eja-2/>. Acesso em: 27 jul. 2025.

